

---

THEIJE, Marjo de. *Tudo que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: FJN: Massangana, 2002. 384 p.

*Antônio Mendes da Costa Braga\**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

Para um leitor interessado em antropologia, nada mais gratificante do que ler uma ótima etnografia. Mas o que é uma ótima etnografia? Cada leitor pode estabelecer seus critérios, dando ênfase a um ou outro aspecto desse tipo de escrita etnográfica. Dentro da formulação dos critérios possíveis provavelmente um dos mais conhecidos é a afirmação de Clifford Geertz, de que “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam **nas** aldeias”. A partir dessa perspectiva, o livro que aqui é analisado – *Tudo que é de Deus é Bom – uma Antropologia do Catolicismo Liberacionista em Garanhuns, Brasil* –, de autoria da antropóloga holandesa Marjo de Theije, pode ser considerado uma ótima etnografia. E é no “por que” e no “até que ponto” esse livro pode ser considerado uma etnografia de notórias qualidades que reside o eixo reflexivo desta resenha.

O livro de Theije é o resultado de uma pesquisa antropológica desenvolvida no início dos anos 1990, na paróquia de São Vicente (diocese de Garanhuns – Pernambuco) e que estava identificada com o chamado catolicismo liberacionista e com a teologia da libertação.

*Tudo que é de Deus é Bom* não se restringe, contudo, a ser uma obra sobre a paróquia de São Vicente. O livro é uma etnografia onde a paróquia é o *locus* do estudo, mas não o seu objeto. O objeto de estudo são os membros dos grupos de leigos da paróquia, e o objetivo é compreender como o catolicismo liberacionista e a experiência do religioso e do político são vivenciados e postos em prática por esses indivíduos. Ou seja, o livro tem por objetivo mostrar como esses atores sociais fazem a mediação dos ideais do catolicismo liberacionista com as suas realidades cotidianas. O que implica dizer que a obra busca analisar o catolicismo liberacionista a partir da perspectiva dos “pobres” que o vivenciam – e para quem idealmente ele

---

\* Doutorando em Antropologia Social.

foi concebido –, e não da perspectiva daqueles que o formulam ideal e ideologicamente, tais como as lideranças religiosas. Em síntese, o livro é uma etnografia sobre o catolicismo liberacionista na paróquia São Vicente, no qual o leitor é convidado a acompanhar a antropóloga na sua descoberta de como ele é compreendido, compartilhado e posto em prática por comunidades de pessoas pobres no interior do Nordeste brasileiro.

Na medida em que é um livro sobre o catolicismo liberacionista vivido por comunidades populares, *Tudo o que é de Deus é Bom* também termina sendo uma contribuição importante aos estudos sobre catolicismo, vivências e práticas religiosas no Brasil. Isso porque, ao escolher uma paróquia como *locus* da pesquisa, etnografar os diferentes grupos e agentes da estrutura social da paróquia, identificando suas diferentes crenças, costume, rituais e práticas – como aquelas que se vinculam à relação dos leigos entre si e com as autoridades religiosas –, nos possibilita uma melhor percepção do que é uma paróquia católica tal qual ela é vivenciada pelos seus diferentes membros, aqui com uma maior ênfase naqueles que participam dos grupos de Comunidades Eclesiais de Base – as CEBs.

Se do ponto de vista dos estudos sobre catolicismo liberacionista, e sobre catolicismo e vivências e práticas religiosas no Brasil, o livro de Marjo de Theije mostra-se pertinente e configura-se como uma boa contribuição, ele também é um bom contributo aos estudos etnográficos feitos no Brasil, mais especificamente aos estudos de antropologia da religião. E isso se deve, em parte, ao tipo de abordagem epistemológica e empírica adotada por Theije no desenvolvimento de sua pesquisa. Isso porque o estudo propõe-se a ser uma “abordagem da prática”, terminologia e orientação teórica essa que ela toma emprestada da antropóloga norte-americana Sherry Ortner, e que, por sua vez, é a principal influência teórica desse seu trabalho.

O fato de Marjo de Theije utilizar a “abordagem da prática” proposta por Sherry Ortner é positivo, dentre outros motivos, pelo fato de que a linha de pesquisa à qual essa antropóloga norte-americana se filia é pouco explorado nos estudos de antropologia da religião feitos no Brasil.

É a própria Sherry Ortner, no texto *Theory in Anthropology since the Sixties* – e que é um dos capítulos do livro *Culture/Power/History: a Reader in Contemporary Social Theory*, co-organizado por ela (Ortner; Dirks; Eley, 1994), quem chama a atenção para o fato de que são muitas as teorias antropológicas que podem ser identificadas como teorias da prática. Segundo ela, a ênfase no estudo das formas de ações humanas, a

partir de um ângulo particularmente político, é uma característica presente em muitos trabalhos antropológicos surgidos a partir dos anos 1980, onde se detecta uma ênfase no estudo de unidades representativas de indivíduos sociais e nos quais se percebe uma ênfase nos atores individuais, nas suas condições de sujeitos e agentes históricos e na configuração de tipos sociais (“mulheres”, “cidadãos”, “operários”, etc.). Segundo Ortner, também é um traço comum a esses trabalhos o estudo dos atores sociais e suas ações dentro de determinados eventos e, a partir daí, buscar compreender como ocorrem as reproduções e/ou mudanças em determinadas estruturas sociais. Marshall Sahlins, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu são alguns dos cientistas sociais que poderíamos identificar como vinculados a determinadas teorias da prática.

O fato é que Marjo de Theije não utiliza esses autores. Ela opta por uma abordagem da prática que se orienta a partir de uma outra bibliografia pouco explorada – ou, ao menos, pouco consagrada – dentro dos estudos antropológicos brasileiros, possibilitando aos leitores a oportunidade de conhecer uma linha de abordagem teórica que ainda é muito pouco conhecida dentro do campo da antropologia social feita no Brasil. Dessa forma, ao utilizar Sherry Ortner como principal referencial teórico, o livro de Theije pode ser visto como uma boa indicação de leitura não só para aqueles que têm interesse em temas tais como religião e catolicismo no Brasil, mas também para aqueles que pesquisam grupos populares ou que queiram ter contato com um tipo de etnografia que utiliza uma abordagem teórica que é consistente, mas ainda pouco conhecida do público acadêmico brasileiro.

Essa opção por utilizar Sherry Ortner e sua “abordagem da prática” se relaciona às questões fundamentais que a antropóloga holandesa formula para seu objeto: como se dá a “relação entre ideologia e estrutura social e entre normas ideais e comportamento real”? (p. 31). Como os atores sociais daquela paróquia (leigos, o clero e os basistas) reproduzem e produzem a cultura em que vivem?

Marjo de Theije ressalva que essa “abordagem da prática” é mais um conjunto de ferramentas analíticas do que uma teoria no sentido estrito do termo, pois “nessa abordagem, a análise concentra-se no entendimento do que as pessoas fazem ou fizeram e no que acreditam ou não acreditam, encontrando os indicadores dessas ações e crenças na prática social”, priorizando a ação social em relação à estrutura, “o problema central [dessa abordagem são] as determinações recíprocas entre agentes e estruturas” (p.

33). Dessa forma, Theije vê como uma das virtudes desse “conjunto de ferramentas” o fato de que elas ajudam o antropólogo a evitar as dicotomias entre estrutura e agência, estrutura e cultura, posto que o intuito é justamente revelar as relações entre ambas.

No seu livro, contudo, antes de mostrar a aplicação dessa “abordagem da prática” na sua pesquisa, Theije procura estabelecer um diálogo crítico com uma ampla literatura científico-social acerca do catolicismo liberacionista.<sup>1</sup> Sua intenção é estabelecer a posição que seu trabalho ocupa dentro do espectro de pesquisas e do debate acadêmico sobre o tema, e apresentar as vantagens que uma “abordagem da prática” pode fornecer na produção de conhecimentos relativos a essa forma de catolicismo.

Segundo ela, uma das vantagens da “abordagem da prática” é que ela possibilita interligar – mediante o estudo de uma realidade concreta vinculada a um tempo e espaço específico – os aspectos institucionais, políticos e religiosos que são focados em diferentes estudos sobre o catolicismo liberacionista, considerando que o uso dessa abordagem tanto possibilita uma maior valorização dos significados que os atores sociais dão ao discurso liberacionista quanto busca identificar como eles dão forma a essa prática religiosa através da mediação cultural que realizam.

E como o foco principal desse tipo de abordagem é a agência e mediação realizada pelos atores, o que se obtém, segundo ela, é a possibilidade de se compreender como se dá a interpretação e reinterpretação do discurso, do símbolo, do ritual e da ação a partir dos fatores culturais, sociais e estruturais que situam essas mesmas interpretações e reinterpretações realizadas pelos membros dos grupos de leigos católicos pesquisados.

Ainda que esse seu diálogo com a bibliografia sobre o tema seja pertinente e consistente e sua apresentação sobre a “abordagem da prática” seja necessária, seu livro ganha densidade justamente quando ela começa a apresentar seus dados etnográficos e nos leva a atravessar, de forma descritiva e analítica, algumas das experiências do religioso vivenciadas pelos membros da paróquia São Vicente, tais como uma via-sacra, o terço de Nossa Senhora rezado em comunidade, as relações de apadrinhamento, a crença em espíritos e almas penadas e as promessas feitas aos santos.

---

<sup>1</sup> Capítulo 2: *O Estudo do Catolicismo Liberacionista no Brasil*.

Focando sua análise nas experiências cotidianas dos membros da paróquia, Theije obtém sucesso em demonstrar a pertinência de sua opção pela escolha de uma abordagem da prática: ao procurar mostrar como os membros desses grupos populares vivenciam o catolicismo liberacionista ela nos possibilita perceber como esse catolicismo tornou-se parte das práticas sociais cotidianas de um número significativo de leigos católicos pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. E, dessa forma, o liberacionismo que surge no livro está muito mais próximo das maneiras como ele é posto em prática pelos seus adeptos. Ou seja, o que temos são formas de liberacionismo vivenciadas por esses grupos, e não aqueles tipos almejados por seus idealizadores e praticantes.

Estabelecendo seu foco de análise nas crenças e práticas compartilhadas pelos leigos católicos da paróquia São Vicente – como nos casos já citados da via-sacra, do terço, do apadrinhamento e das promessas – Theije efetivamente demonstra como a experiência social vivenciada por esses atores fica empobrecida quando abordada a partir de quadros analíticos dicotômicos, como aqueles que se sustentam nas oposições entre “tradição religiosa” versus “modernidade religiosa”, “popular” versus “oficial”, etc.

Theije mostra, por exemplo, como um ritual católico de longa tradição, a Via-Sacra da Semana Santa, passa a ser revalorizado em virtude da introdução do catolicismo liberacionista na paróquia, e como, ao mesmo tempo em que são introduzidas novidades no ritual – como uma participação mais ativa dos leigos –, essas mesmas novidades convivem com ritos mais antigos. E que, além disso, os diferentes agentes sociais vivenciam, interpretam e reinterpretam de maneiras diferente tanto o que é novidade quanto o que já era dado pela tradição.

Outro exemplo significativo no livro é o do “terço de dona Severina”: em torno dessa senhora já bastante idosa e devota do Padre Cícero, realiza-se um terço comunitário que teoricamente seria vinculado a um catolicismo tradicional, mas cujo grupo é formado por praticamente as mesmas pessoas que participam do grupo de CEB coordenado por João (e que seria uma expressão de um catolicismo mais contemporâneo). E de forma arguta Theije observa o risco de anacronismo, inerente a uma análise dicotômica, quando chama atenção para o fato de que – nessa perspectiva –, se o terço de dona Severina, naquele contexto no qual se desenvolvia a pesquisa, poderia ser considerado “catolicismo popular”, igualmente poderia ser

considerado “catolicismo oficial” no início do século XX.

É justamente através dessas descrições etnográficas que se sustenta a pertinência da abordagem teórica com a qual a autora interpela seu objeto. E através de vários exemplos etnográficos ela nos mostra que quando deslocamos nossa atenção para a agência realizada pelos atores, percebemos que há uma dimensão criativa na forma como os indivíduos operam e põem em prática, nas suas vidas, suas crenças e os discursos formulados pelas autoridades e instituições religiosas “oficialmente” constituídas. E o catolicismo surge muito mais como uma realidade social do que como uma idealização. Como ela mesmo diz, “o catolicismo é, sobretudo experiência e atividade: tem mais a ver com o fazer do que com o crer” (p. 116).

Sendo o foco mais amplo de sua pesquisa as crenças e, sobretudo, as práticas sociais dos membros dos grupos leigos da paróquia, uma questão mais específica é o “como” a ideologia liberacionista promovida pelo clero e pelos basistas formou as práticas atuais da paróquia. Nesse caso, Theije também analisa a estrutura de relações sociais paroquiais e seus diferentes atores, tais como o pároco, as outras autoridades religiosas ali presentes, os membros do conselho paroquial, as lideranças de grupos leigos e os demais membros desses grupos. Nesse caso, a antropóloga enfatiza as tensões entre os indivíduos, mostrando como eles ocupam diferentes posições de poder e como negociam entre si as possibilidades e expectativas relativas às suas vivências do religioso como membros da paróquia.

Analisando essa estrutura e os diferentes grupos leigos presentes na paróquia – as CEBs rurais e urbanas, Apostolado da Oração, carismáticos e Legião de Maria – Theije mostra, por exemplo, como os leigos transitam de um grupo para outro, podendo ser ao mesmo tempo membros de um grupo de comunidade de base e de um grupo carismático. Mostra como num grupo de CEB você pode encontrar uma prática ou ritual nitidamente carismático, e como num grupo carismático você pode encontrar um ritual ou prática que é claramente de origem basista. Mostra como, ainda que as CEBs tenham se tornado o modelo de organização leiga na diocese, elas não substituem as outras formas que já existiam ou que vão surgindo.

A autora não busca com isso subestimar a importância do modelo liberacionista dentro da diocese e da paróquia. Seu intuito é muito mais o de mostrar que a vivência do religioso por parte dos paroquianos vinculados aos diferentes grupos é significativamente complexa e ultrapassa, e muitas vezes

entrando em contradição, certas expectativas essencialistas a cerca do “como deveria ser” a atuação de um membro de CEB.

Mostrando que existem diferenças significativas, seja entre grupos de CEB rurais e urbanos, seja internamente a esses grupos, um outro ponto alto do texto de Marjo de Theije é a sua problematização das relações de gênero e do papel das mulheres dentro das CEBs e das CEBs na vida de suas mulheres. E, nesse caso, a autora procura mais uma vez fugir das dicotomias, mostrando, por exemplo, que a partir da experiência basista há tanto a reprodução de crenças e costumes preconcebidos acerca do papel da mulher na sociedade (como as idéias de que “religião é coisa de mulher”, e a reprodução do modelo cultural do *marianismo* – que expressa uma certa percepção de feminilidade presente em países da América Latina) quanto há mudanças nesses papéis (como, por exemplo, uma postura mais participativa das mulheres em assuntos que não se restringem às coisas do lar, da família).

Na medida em que vai focando as práticas dos indivíduos e evitando cair em explicações essencialistas ou dicotômicas, Theije é muito arguciosa na forma como apresenta as contradições, os conflitos, as ambigüidades e dificuldades que os diferentes atores sociais pesquisados enfrentam ao lidar com as novidades trazidas pela introdução do modelo basista, principalmente no que se refere à sua demonstração de que as mudanças não decorrem simplesmente das novidades que vão sendo introduzidas, mas da maneira como esse atores fazem a mediação desse catolicismo liberacionista com as crenças e costumes que eles já possuem e com o contexto social no qual estão inseridos.

Um momento do texto no qual a autora analisa em profundidade as contradições, conflitos e ambigüidades enfrentadas por esses atores é quando ela aborda um tema caro ao catolicismo liberacionista – a política – e procura examinar como as lutas políticas internas e externas do catolicismo institucional (o que inclui a análise do papel do clero em relação às lutas e questões políticas) se refletem nas práticas religiosas das CEBs e como as idéias liberacionistas são difundidas e entendidas nos grupos (seja através dos rituais, seja através da organização do religioso).

Tratando da questão da política, Marjo de Theije argumenta que há uma distância entre o ideal liberacionista tal qual ele é formulado pelos seus idealizadores e pelas lideranças clericais e a maneira como ele é vivenciado pelos atores leigos da paróquia. Esses atores leigos – que em sua maioria

são pobres –, ao terem de lidar com questões políticas que interferem tão diretamente nas suas vidas cotidianas, optam muitas vezes por ações táticas que são ditadas muito mais pelo pragmatismo e pela busca de um resultado possivelmente mais certo e garantido do que pela adoção de uma estratégia de ação política pré-formulada de maneira abstrata e que visa resultados de longo prazo (como a “libertação do povo de sua condição de oprimido”).

Como o discurso liberacionista é interpretado e posto em prática de diferentes formas, pelos diferentes atores leigos, isso pode gerar de imediato a impressão de que o discurso político da campanha liberacionista não conseguiu chegar nos fieis. Todavia Theije chama a atenção para o fato de que as mudanças políticas provocadas pela introdução do catolicismo liberacionista na paróquia devem ser procuradas noutros lugares. Dentre esses lugares, um é o das práticas diárias dos grupos de leigos, na medida em que o projeto liberacionista gera uma maior democratização da organização eclesial, o que, por sua vez, possibilita aos leigos pobres a oportunidade de vivenciarem uma experiência na qual a ênfase dada à valorização das relações horizontais de poder e autoridade diferencia-se daqueles outros contextos sociais e políticos em que eles vivem, e que é caracterizado por relações do tipo vertical. E outro está relacionado com a forma como os ideais liberacionistas conjugam-se com valores e práticas compartilhadas, que são relativas às noções do que vem a ser “comunidade” e “caridade” para os leigos pobres da paróquia São Vicente. Nessa perspectiva, diz ela, “a política de segundo nível – os rituais da organização cotidiana dos grupos leigos – pode ser mais duradoura e provocar mudanças profundas” (p. 327).

Fiel à sua inspiração teórica, a “abordagem da prática” formulada por Sherry Ortner – que incorpora a história como parte do processo analítico antropológico –, Marjo de Theije também dedica um capítulo, o quarto, *Campanhas na História da Paróquia*, a uma análise e reconstituição da história do catolicismo e da Igreja Católica no Brasil, em Pernambuco, em Garanhuns e na paróquia São Vicente. Vê-se nesse seu esforço de reconstituir a história do catolicismo e a Igreja Católica, tanto no nível transnacional quanto nacional, diocesano e paroquial, a intenção de oferecer ao leitor a possibilidade de perceber como as mudanças que ocorrem nesses diferentes níveis históricos estão interligadas e se refletem nas mudanças ocorridas na Igreja local e nas crenças e práticas compartilhadas pelos seus

atores sociais.

Esse Capítulo 4 possibilita ao leitor posicionar o catolicismo liberacionista dentro de um processo histórico que transcende o contexto específico no qual a antropóloga desenvolveu sua pesquisa. Todavia, quando confrontamos esse capítulo com aqueles nos quais Marjo de Theije procura analisar as crenças e práticas dos atores sociais pesquisados, percebe-se como o material histórico a que ela teve acesso vincula-se muito mais a uma perspectiva da Igreja enquanto instituição do que uma perspectiva na qual o catolicismo é pensado a partir das crenças e prática dos católicos.

Nesse sentido, essa reconstituição histórica elaborada por Marjo de Theije termina por deixar mais evidente a grande pertinência desse seu livro, que está contida no fato de que essa é uma obra que procura pensar o catolicismo a partir das práticas dos católicos – e não a partir da instituição – e na medida em que busca compreender o catolicismo liberacionista de “baixo para cima” – no “como” ele é vivido pelos “pobres” a quem ele se dirige –, e não a partir da forma como ele foi idealizado e é propagado por suas lideranças.

## Referências

ORTNER, Sherry; DIRKS, Nicholas; ELEY, Geoff. *Culture/Power/History: a reader in contemporary social theory*. Princeton: Princeton University Press, 1994.